

8 POLÍTICA AGRÍCOLA

INTRODUÇÃO

O setor agrícola está atravessando uma conjuntura francamente adversa, especialmente no caso da região Sul, devido à coincidência de quebra de safra e redução dos níveis de preços recebidos. Como se sabe, esses preços recebidos pelos agricultores estão menores, este ano, devido à conjugação de queda dos preços internacionais e valorização cambial.

Esta seção apresenta não só uma análise do comportamento recente dos preços agrícolas, mas, também, algumas conjecturas acerca do segundo semestre. Aponta-se, em particular, que, no caso da carne bovina, o seu preço vem apresentando uma queda significativa, desde o final do ano passado; e, no caso da soja, mostra-se a incerteza que cerca atualmente a sua comercialização, em uma conjuntura de preços mais baixos em que, portanto, o *weather market* (mercado do clima) se torna mais relevante.

A EVOLUÇÃO RECENTE DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

A entrada da safra contribuiu para um comportamento favorável dos preços agrícolas, apesar dos problemas climáticos que afetaram a região Sul (Tabelas 8.1 e 8.2). A quebra de safra que ocorreu no Sul do Brasil, embora tenha sido muito grave para as regiões afetadas, causou uma elevação pequena nos preços dos grãos, embora, no caso da soja, tenha até afetado o seu preço internacional (Tabela 8.3).

Os preços futuros dos grãos nas bolsas internacionais têm-se comportado de forma bem estável nos últimos meses, como ilustrado pelo caso da soja (Gráfico 8.1). Além disso, esse gráfico mostra que os preços da soja esperados para o segundo semestre não revelam qualquer tendência de se descolarem dos preços vigentes atualmente. Esse mesmo comportamento se repete no caso dos demais grãos, embora isso não seja mostrado aqui, por motivos de espaço.

Essa estabilidade dos preços internacionais, este ano, contrasta fortemente com o que aconteceu no ano passado, quando, nessa mesma época, os preços futuros já sinalizavam uma queda expressiva, o que acabou, de fato, acontecendo. Nesse caso, os preços *spot* elevados do primeiro semestre ainda refletiam uma situação de escassez nos mercados de grãos, devido às quebras de safra americana que tinham ocorrido nos dois anos agrícolas anteriores. Esse quadro reverteu-se este ano; segundo o United States Department of Agriculture (USDA), espera-se uma safra de soja de 78,8 milhões de toneladas, 8% menor do que a safra de 2004, mas um resultado ainda assim elevado para os padrões históricos.

Nada garante, contudo, que essas expectativas de baixos preços para a soja venham de fato a se concretizar. Embora baixa, não é desprezível a probabilidade de uma quebra da safra americana de grãos, o que já aconteceu em outros anos, e faria os preços dos grãos

TABELA 8.1

PREÇOS AGRÍCOLAS EM NÍVEL DE PRODUTOR OU ATACADO — 2003-2005

[em R\$ de abril de 2005 (deflator IPCA)]

Período	Arroz Agulhinha ^A (Saca de 30 kg)		Arroz Agulhinha ^P (Saca de 50 kg)		Feijão-Preto ^P (Saca de 60 kg)		Feijão Cores ^A (Saca de 60 kg)	
	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005
Junho	54,5	47,7	37,5	36,4	70,9	68,5	96,5	83,4
Julho	53,8	45,8	37,6	35,2	62,9	67,8	83,7	69,9
Agosto	56,0	43,6	38,5	32,0	64,8	65,5	81,0	64,8
Setembro	55,5	40,3	38,4	31,2	70,9	66,2	81,8	76,9
Outubro	51,2	38,9	37,0	29,0	66,6	70,1	77,1	92,5
Novembro	56,2	37,4	41,5	27,2	64,3	70,2	72,9	92,3
Dezembro	57,9	34,7	44,0	24,0	58,6	70,1	75,8	92,2
Janeiro	53,3	32,2	43,6	23,9	57,1	70,6	89,2	92,1
Fevereiro	48,6	32,8	41,9	25,1	53,9	69,2	93,5	90,3
Março	48,1	33,0	35,6	25,2	55,2	72,6	93,6	88,7
Abril	49,0	33,6	35,8	22,5	63,2	75,1	90,8	102,0
Maio ^a	47,4	29,4	36,0	19,2	64,6	73,7	88,6	110,4

Período	Milho ^A (Saca de 60 kg)		Trigo ^P (Saca de 60 kg)		Café Conillón ^P (Saca de 60 kg)		Café Arábica ^P (Saca de 60 kg)	
	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005
Junho	20,2	20,8	32,2	31,7	120,0	145,8	180,7	254,2
Julho	18,1	18,7	30,0	28,3	131,7	135,1	183,9	212,3
Agosto	19,0	18,8	28,8	25,9	150,0	139,5	195,4	209,1
Setembro	20,5	19,0	28,7	23,7	144,3	147,0	194,3	230,4
Outubro	19,5	18,0	26,7	22,2	139,3	143,2	186,5	225,2
Novembro	20,9	17,3	26,3	21,5	141,4	141,6	186,2	248,9
Dezembro	21,1	17,1	26,6	20,6	145,4	142,7	192,8	276,9
Janeiro	21,1	17,7	26,1	20,1	153,3	148,4	211,9	290,3
Fevereiro	19,4	17,0	25,9	19,5	145,7	155,1	221,8	309,6
Março	20,0	18,6	26,4	21,0	135,0	155,3	223,7	340,0
Abril	23,2	19,3	29,3	23,7	132,2	149,4	218,4	336,4
Maio ^a	22,3	17,9	31,5	21,9	142,2	155,0	233,9	332,0

Fontes: 1) Conab: arroz agulhinha, feijão cores e milho; 2) Seab/Deral: feijão-preto e trigo; 3) Cepea: café conillón e café arábica. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Notas: ^A Atacado: agulhinha = SP, feijão cores = SP, milho = SP; ^P Produtor (principal estado produtor): arroz agulhinha = RS, feijão-preto = PR, trigo = PR, café conillón = ES, café arábica = SP.^a Os preços de maio de 2005 são referentes às duas primeiras semanas.

subirem abruptamente no mercado internacional, tendo em vista a importância relativa da produção americana nesse mercado.

Não é de se estranhar, portanto, que, no contexto desse *weather market*, a comercialização da soja brasileira esteja sendo lenta, a ponto de não se repetirem, este ano, as filas de caminhões dirigindo-se ao Porto de Paranaguá, que, como se sabe, são provenientes do Centro-Oeste, e,

TABELA 8.2

PREÇOS AGRÍCOLAS EM NÍVEL DE PRODUTOR OU ATACADO — 2003-2005

[em R\$ de abril de 2005 (deflator IPCA)]

Período	Algodão ^A (15 kg)		Soja ^P (Saca de 60 kg)		Bovinos ^P (15 kg)		Frango ^P (1 kg)	
	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005
Junho	58,2	61,3	40,2	46,3	60,7	65,9	1,47	1,64
Julho	56,7	55,8	38,9	42,6	63,1	64,6	1,47	1,69
Agosto	61,2	52,2	39,6	39,7	65,0	65,2	1,62	1,61
Setembro	59,5	53,9	42,1	38,7	67,0	64,2	1,73	1,58
Outubro	65,7	48,1	48,4	34,7	66,9	63,5	1,89	1,71
Novembro	79,1	46,1	51,3	35,0	67,7	64,5	1,63	1,74
Dezembro	76,0	41,1	50,2	33,0	67,4	63,5	1,65	1,77
Janeiro	82,4	41,4	48,7	32,9	66,8	61,3	1,47	1,43
Fevereiro	78,2	43,3	47,1	26,7	65,3	59,5	1,54	1,40
Março	77,1	40,5	53,2	34,1	63,8	58,5	1,37	1,27
Abril	77,0	41,8	53,5	31,0	63,5	56,7	1,29	1,21
Maio ^a	65,7	38,2	51,7	30,0	65,0	55,0	1,53	1,32

Período	Suínos ^P (1 kg)		Leite Tipo C ^P (Litro)		Açúcar ^A (R\$/Saca de 50 kg)		Álcool ^A (R\$/Litro)	
	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004	Jun. 2003	Jun. 2004
	a	a	a	a	a	a	a	a
	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005
Junho	2,17	3,39	0,58	0,56	30,4	28,6	0,73	0,67
Julho	2,50	3,47	0,58	0,60	27,9	29,5	0,64	0,72
Agosto	2,68	3,76	0,57	0,61	35,6	31,6	0,80	0,79
Setembro	3,11	3,91	0,57	0,59	28,7	30,1	0,75	0,80
Outubro	3,33	3,84	0,57	0,58	24,8	28,8	0,66	0,95
Novembro	3,12	3,90	0,54	0,57	23,8	31,0	0,72	1,01
Dezembro	3,01	4,10	0,52	0,55	24,7	32,3	0,78	0,92
Janeiro	2,90	3,64	0,48	0,54	22,3	30,0	0,69	0,90
Fevereiro	2,80	3,47	0,46	0,55	20,4	29,2	0,49	0,87
Março	2,97	3,53	0,48	0,55	24,1	33,5	0,42	0,89
Abril	3,03	3,09	0,49	0,57	30,9	33,6	0,50	0,84
Maio ^a	3,05	2,40	0,51	0,59	24,5	26,9	0,58	0,66

Fontes: 1) Conab: algodão, soja, bovinos, frango e suínos; 2) Cepea: leite tipo C, açúcar e álcool. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Notas: ^A Atacado: algodão = SP, açúcar = SP, álcool = SP; ^P Produtor (principal estado produtor): soja = PR, bovinos = SP, frango = SP, suínos = SP e leite = MG.^a Os preços de maio de 2005 são referentes às duas primeiras semanas.

por isso, não são afetadas pela quebra de safra que ocorreu no Sul do país. Essa estratégia de postergação da venda do produto colhido requer, contudo, uma igual postergação das obrigações financeiras, o que explica que até mesmo agricultores de regiões onde não ocorreram quebras de safra estejam pressionando o governo no sentido de renegociação das suas dívidas, sendo, em parte, atendidos.

TABELA 8.3
PREÇOS AGRÍCOLAS INTERNACIONAIS — 2003-2005
 [em US\$ correntes (unidade)]

Período	Soja em Grão (US\$/t)		Milho (US\$/t)		Trigo (US\$/t)		Algodão (US\$ Cents/lp)	
	Jun. 2003 a	Jun. 2004 a	Jun. 2003 a	Jun. 2004 a	Jun. 2003 a	Jun. 2004 a	Jun. 2003 a	Jun. 2004 a
	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005
Junho	230	321	94	113	116	130	54	53
Julho	205	283	77	93	114	121	59	46
Agosto	208	226	87	88	133	114	56	47
Setembro	232	207	90	84	129	119	62	51
Outubro	270	193	89	81	128	114	74	47
Novembro	280	196	93	78	141	112	72	46
Dezembro	283	199	97	79	141	109	70	44
Janeiro	301	195	105	79	143	110	74	46
Fevereiro	316	198	111	79	140	110	68	46
Março	361	233	119	84	142	125	66	52
Abril	364	229	124	82	145	115	62	54
Maio ^a	348	229	118	80	138	113	63	54

Período	Café Arábica (US\$ Cents/lp)		Arroz (US\$/t)		Açúcar (US\$ Cents/lp)	
	Jun. 2003 a	Jun. 2004 a	Jun. 2003 a	Jun. 2004 a	Jun. 2003 a	Jun. 2004 a
	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005	Maio 2004	Maio 2005
Junho	59	78	209	236	6,5	7,1
Julho	61	69	203	238	6,7	8,2
Agosto	61	68	198	244	6,7	7,9
Setembro	65	76	201	240	6,0	7,9
Outubro	62	76	199	250	5,7	9,0
Novembro	59	84	197	263	5,6	8,7
Dezembro	63	99	201	281	4,7	8,8
Janeiro	72	102	219	292	5,8	8,9
Fevereiro	73	113	220	297	5,6	8,9
Março	74	128	248	296	6,5	8,9
Abril	70	120	250	299	6,6	8,4
Maio ^a	73	119	238	300	6,6	8,4

Fonte: Conab. Elaboração: IPEA/DIMAC.

^a Os preços de maio de 2005 são referentes às três primeiras semanas.

Na realidade, até mesmo do ponto de vista da economia como um todo essa estratégia de adiar a comercialização faz sentido, já que uma eventual recuperação desses preços significará um aumento da receita cambial.

Nota-se, voltando agora a atenção para outros produtos que, no caso do milho, a alta ocorrida no mercado doméstico, devido à quebra de safra ocorrida no Sul do Brasil, elevou os preços correntes e, mais ainda, os preços esperados para o segundo semestre, que projetam alta de cerca de 24% em relação aos preços vigentes atualmente. Essa elevação esperada do

GRÁFICO 8.1
EVOLUÇÃO DOS PREÇOS FUTUROS DA SOJA NO MERCADO INTERNACIONAL



preço do milho deverá aproximá-lo do nível CIF de importação, que tenderá a ser contido, entretanto, em face da valorização cambial e dos baixos preços internacionais do milho.

No caso da carne bovina, o Gráfico 8.2 mostra uma queda significativa em seus preços desde o ano passado, o que acabou contaminando os preços dos frangos e suínos, demonstrado de maneira nítida na Tabela 8.2. Devido à importância do comportamento do preço dos bovinos, na próxima seção apresentaremos uma análise específica sobre esse produto.

GRÁFICO 8.2
EVOLUÇÃO DOS PREÇOS FÍSICO E FUTURO DO BOI GORDO NO MERCADO DOMÉSTICO

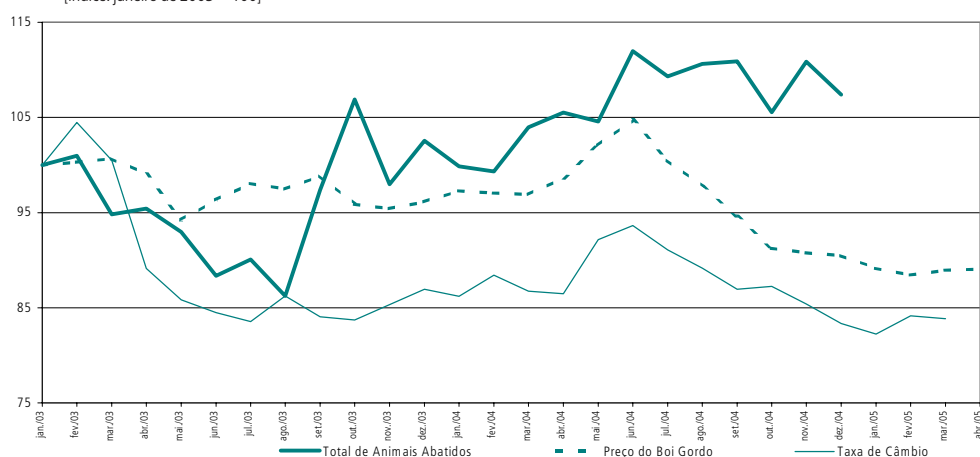


O CASO ESPECIAL DO PREÇO DA CARNE BOVINA

Como já se notou, os preços das carnes vêm caindo de forma acentuada desde o final do ano passado. O Gráfico 8.2 mostra que a queda dos preços no mercado físico foi acompanhada de igual queda nos preços futuros.

O Gráfico 8.3 apresenta as séries dessazonalizadas de preços do boi gordo e do abate total, além da taxa de câmbio efetiva real (os preços e a taxa de câmbio foram deflacionados pelo IPCA). Nota-se que o comportamento recente do preço do boi gordo está muito associado ao comportamento da taxa de câmbio, o que era de se esperar, dado o aumento das exportações brasileiras de carne bovina nos últimos anos. Entretanto, observa-se também

GRÁFICO 8.3
ÍNDICES DE PREÇO DO BOI GORDO, DO TOTAL DE ANIMAIS ABATIDOS E DA TAXA DE CÂMBIO —
DADOS DESSAZONALIZADOS
 [índice: janeiro de 2003 = 100]



Fontes: Pesquisa Mensal de Abate de Animais - IBGE/Conab e Ipeadata.

uma elevação do abate bovino, o que, evidentemente, contribui para a queda do preço do boi. Na realidade, como o Gráfico 8.4 mostra, esse aumento do abate ocorreu tanto para bois quanto para vacas. Embora não se tenha podido estender essa análise ao primeiro trimestre deste ano devido à falta de dados, é possível que esse aumento do abate tenha-se mantido em 2005.

A maioria dos analistas tem atribuído esse aumento corrente do abate bovino à piora das condições das pastagens, sobretudo no Sul do Brasil. Porém, é possível que fatores de caráter mais estrutural também estejam contribuindo para esse aumento recente do abate. De fato, um novo trabalho publicado pelo IPEA mostrou que essa maior oferta de vacas iniciou-se bem antes, em junho de 2002.¹ Segundo esse trabalho, a rápida expansão da área de soja nos anos agrícolas 2001/2002, 2002/2003 e 2003/2004 baseou-se em conversão de pastagens preexistentes, o que acabou requerendo, da parte dos pecuaristas, a otimização do

GRÁFICO 8.4
EVOLUÇÃO DO ABATE DESSAZONALIZADO DO BOI GORDO E DE VACAS
 [base: janeiro de 2003 = 100 (índice de bois abatidos)] [índice de vacas abatidas]



Fonte: Pesquisa Mensal de Abate de Animais - IBGE.

1. Esse trabalho, de autoria de Brandão, Rezende e Marques, foi publicado como Texto para Discussão, 1.062, de janeiro de 2005, e intitula-se *Crescimento Agrícola no Período 1999-2004, Explosão da Área Plantada com Soja e Meio Ambiente no Brasil*. Uma versão revista desse trabalho, que pode ser obtida com os autores, apresenta essa análise do comportamento da pecuária nesse período.

uso das pastagens remanescentes, com antecipação de abate daqueles animais cuja retenção tivesse baixas taxas de retorno, como as vacas já programadas para descarte.

Se essa análise estiver correta, então pode-se esperar que esse período de baixa dos preços dos bovinos acabará dando lugar a um período de alta dos preços, mas é difícil prever quando isso poderá ocorrer. Para este ano, por exemplo, é possível que não ocorra, pois se espera um aumento do confinamento de animais para serem ofertados no final do ano. Esse confinamento é estimulado pelos baixos preços do boi magro, assim como dos grãos.

O COMPORTAMENTO DA SAFRA 2004/2005 E AS PERSPECTIVAS DO PLANTIO DA SAFRA 2005/2006

A safra do ano agrícola que se encerra acabou sendo menor do que se esperava, em face dos problemas climáticos do Sul do Brasil. Isso atingiu mais a soja e o milho primeira safra, embora o milho segunda safra tenha sido também afetado negativamente, devido ao atraso em seu plantio. A Tabela 8.4 mostra que, como consequência, a produção total de milho deverá cair 15% este ano.

Conforme mostra a Tabela 8.5, os estoques de milho deverão cair de 5 milhões de toneladas no início de 2005 para, apenas, cerca de 2 milhões de toneladas no início do ano que vem. Bastaria, assim, que a produção esperada de milho para o próximo ano agrícola (2005/2006) não seja satisfatória para se caracterizar uma situação de escassez doméstica de milho no ano que vem.

Essa tabela mostra, também, que a situação atual de baixos preços do arroz deriva da coincidência de uma safra longa este ano (quase 13 milhões de toneladas) com elevados

TABELA 8.4
CONAB: QUARTO LEVANTAMENTO DA SAFRA 2004/2005 E COMPARAÇÃO COM A SAFRA 2003/2004

Cultura	Área Plantada (1.000 ha)			Quantidade Produzida (1.000 t)			Produtividade (1.000 t)		
	Safra 2003/2004	Safra 2004/2005	Varição (%)	Safra 2003/2004	Safra 2004/2005	Varição (%)	Safra 2003/2004	Safra 2004/2005	Varição (%)
Algodão	1.100	1.167	6,1	1.309	1.388	6,0	1,19	1,19	0,0
Arroz	3.654	3.857	5,5	12.829	13.198	2,9	3,51	3,42	-2,5
Feijão Total	4.287	3.719	-13,3	2.978	2.896	-2,8	0,69	0,78	12,1
Feijão 1ª Safra	1.371	1.028	-25,0	1.235	1.099	-11,0	0,90	1,07	18,7
Feijão 2ª Safra	2.024	1.829	-9,6	1.036	1.035	-0,1	0,51	0,57	10,6
Feijão 3ª Safra	892	862	-3,4	707	762	7,8	0,79	0,88	11,5
Milho Total	12.822	12.149	-5,2	42.128	35.989	-14,6	3,29	2,96	-9,8
Milho 1ª Safra	9.465	9.106	-3,8	31.554	27.869	-11,7	3,33	3,06	-8,2
Milho 2ª Safra	3.357	3.043	-9,3	10.574	8.120	-23,2	3,15	2,67	-15,3
Soja	21.284	23.104	8,6	49.793	50.195	0,8	2,34	2,17	-7,1
Trigo	2.464	2.756	11,9	5.851	5.846	-0,1	2,37	2,12	-10,7
Outras Lavouras^a	1.758	1.711	-2,7	3.435	3.343	-2,7	1,95	1,95	0,0
Brasil	47.370	48.462	2,3	119.114	113.688	-4,6	2,51	2,35	-6,7

Fonte: Conab.

^a Outras lavouras: amendoim, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo, mamona e triticale.

TABELA 8.5
BRASIL: ESTOQUES INICIAIS, PRODUÇÃO E ESTOQUES FINAIS DE ARROZ E MILHO — ANOS AGRÍCOLAS 2000/2001 A 2004/2005
 [em mil toneladas]

Anos Agrícolas	Arroz			Milho		
	Estoques Iniciais	Produção	Estoques Finais	Estoques Iniciais	Produção	Estoques Finais
2000/2001	1.958,5	10.386,0	1.321,7	3.538,0	42.289,3	4.322,9
2001/2002	1.321,7	10.626,1	663,2	4.322,9	35.280,7	1.047,0
2002/2003	663,2	10.367,1	358,4	1.047,0	47.410,9	6.595,2
2003/2004	358,4	12.808,2	1.576,6	6.595,2	42.191,5	4.916,7
2004/2005	1.576,6	12.809,4	2.006,0	4.916,7	39.039,5	2.156,2

Fonte: Conab.

estoques provenientes da safra passada (cerca de 1,5 milhão de toneladas). Uma vez que dificilmente se conseguirá uma redução desses estoques no transcorrer deste ano, o quadro de baixos preços domésticos deverá prevalecer o ano todo, levando a um desestímulo do plantio de arroz no próximo ano agrícola.

A CRISE AGRÍCOLA ATUAL E SUAS LIÇÕES PARA A POLÍTICA ECONÔMICA

Conforme se viu antes, os preços atuais da soja estão muito baixos quando comparados com os preços vigentes na comercialização das safras de 2003 e 2004, mas, na realidade, encontram-se iguais a seus patamares históricos, como se nota na Tabela 8.6, que mostra o comportamento do preço e da produção de soja a partir do ano agrícola 2000/2001 em três estados selecionados (Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso). Nota-se, claramente, que os anos de 2003 e 2004 foram realmente excepcionais nos estados do Paraná e Mato Grosso, não tendo sido igualmente excepcional para o Rio Grande do Sul no ano passado, devido à quebra de safra ocorrida. Observa-se que o preço vigente em abril deste ano está próximo dos preços vigentes em 2001 e 2002. A Tabela 8.6 mostra, ainda, que os anos de 2003 e 2004 foram também muito favoráveis para o arroz e o milho.

A Tabela 8.7 apresenta os valores de produção desses produtos, para os mesmos estados, e torna ainda mais claro o caráter excepcional dos dois últimos anos agrícolas. Essa tabela revela, por outro lado, que a redução da receita bruta agrícola este ano não está sendo acompanhada por redução similar dos preços dos insumos, como reflexo dos elevados preços do petróleo.

TABELA 8.6
PREÇO E PRODUÇÃO DE ARROZ, MILHO E SOJA EM ESTADOS SELECIONADOS

Anos	Arroz - RS		Milho - PR		Soja - PR		Soja - RS		Soja - MT	
	Preço R\$/50 kg	Produção (Mil t)	Preço R\$/50 kg	Produção (Mil t)	Preço R\$/60 kg	Produção (Mil t)	Preço R\$/60 kg	Produção (Mil t)	Preço R\$/60 kg	Produção (Mil t)
2001	19,86	5.190,5	10,69	9.445,7	27,20	8.623,1	27,20	7.113,0	22,27	9.640,8
2002	21,65	5.464,8	16,21	7.380,0	32,39	9.478,0	32,39	5.579,2	27,75	11.636,7
2003	36,78	4.696,4	18,04	8.140,2	40,45	10.971,0	40,45	9.631,1	33,84	12.949,4
2004	36,06	6.301,7	21,26	7.522,8	50,50	10.036,5	50,50	5.559,4	44,55	15.008,8
2005 ^a	22,54	6.045,7	17,18	6.625,4	31,04	9.387,5	31,04	2.310,9	22,92	16.927,7

Fonte: Conab.

^a Referente ao mês de abril de 2005.

TABELA 8.7

ESTIMATIVA DO VALOR DA PRODUÇÃO DE ARROZ, MILHO E SOJA EM ESTADOS SELECIONADOS E O ÍNDICE DE PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR, POR GRUPO

Anos	Estimativa do Valor da Produção					Índice de Preços Pagos ^a	
	Arroz-RS	Milho-PR	Soja-PR	Soja-RS	Soja-MT	Combustíveis	Fertilizantes
2001	103.083,3	100.974,5	234.548,3	193.473,6	214.700,6	309,73	278,91
2002	118.312,9	119.629,8	306.992,4	180.710,3	322.918,4	348,35	294,16
2003	172.733,6	146.849,2	443.777,0	389.578,0	438.207,7	431,94	337,31
2004	227.239,3	159.934,7	506.843,3	280.749,7	668.642,0	453,42	355,52
2005	136.270,1	113.824,4	291.388,0	71.730,3	387.982,9	469,28	385,94

Fontes: Conab e FGV.

^a Índice de preços médios relativo aos meses de plantio.

De maneira concisa, mostra-se, assim, a grande volatilidade que vem cercando o comportamento do setor agrícola brasileiro, nessa sua nova fase em que a economia está totalmente aberta ao exterior e funciona com uma política de livre flutuação cambial. Nessa nova realidade, a agricultura brasileira passou a ser muito mais influenciada pelo comportamento dos preços externos das *commodities*, que, em alguns casos — como os dos grãos —, são muito voláteis.

Nesse novo contexto, cabe à política econômica agrícola um papel importante no sentido de amortecimento dessas “ondas” cíclicas. Em outras palavras, a política econômica agrícola deve ser “anticíclica”, reduzindo a amplitude dessas ondas externas de estímulo ou desestímulo. Por exemplo, tomando esse período de *boom* dos anos agrícolas 2002/2003 e 2003/2004: o governo deveria ter evitado a expansão do crédito agrícola a taxas de juros favorecidas, como de fato ocorreu, já que a própria maior rentabilidade esperada do setor, em conjunturas favoráveis como esses dois anos agrícolas, deveria ter bastado para que se viabilizasse seu financiamento pelo setor privado. Entretanto, na realidade o governo estimulou ainda mais o crescimento da agricultura brasileira nesses dois anos agrícolas, o que acabou aumentando a *amplitude* do ciclo expansivo, tornando mais difícil o ajuste na fase recessiva, como a atual.

SUMÁRIO E CONCLUSÕES

Esta seção mostrou que o setor agrícola está atravessando, este ano, um processo de comercialização muito conturbado, em face da conjugação de quebra de safra, embora localizada, e preços muito inferiores àqueles prevalentes nos últimos anos.

É evidente que esse quadro adverso pode, facilmente, afetar contrariamente o próximo plantio. Nesse contexto, justifica-se que o governo dê o apoio necessário para que o setor agrícola — especialmente nas regiões mais afetadas pela seca — não reduza de forma dramática esse plantio, o que afetaria imediatamente não só o nível geral de atividade, mas também os preços de alguns produtos agrícolas, já no segundo semestre.

Esta seção procurou apontar, também, embora de forma concisa, que a atual conjuntura desfavorável para o setor agrícola contrasta com o período dos últimos três anos agrícolas, de franca euforia. Sugeriu-se que o governo deve aproveitar a ocasião para perceber melhor que uma situação de alternância cíclica de conjunturas favoráveis e desfavoráveis requer da política econômica uma função estabilizadora, “anticíclica”, evitando estimular ainda mais o setor durante as fases de euforia. Isso permitiria um apoio mais efetivo ao setor nas fases de crise, como a atual.

